

A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE LÍNGUA GUARANI ENTRE 2000 A 2012

Lívia Ribeiro Viegas¹
Especialização em Educação - FAED
Prof^a Dr^a. Marina Vinha²

Resumo:

Este trabalho teve como objetivo realizar um levantamento sobre o que já foi produzido cientificamente sobre a língua guarani e kaiowá. A pesquisa foi realizada nos acervos de três universidades no Mato Grosso do Sul: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade Católica Dom Bosco e Universidade Federal da Grande Dourados. Foi também investigado no site de busca do Banco de Teses e Dissertações. Foram analisadas dez dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, todas envolvendo a temática educação escolar indígena guarani e kaiowá e a questão da língua guarani. Como referencial teórico foram usados os trabalhos de D'angelis (1999) e Maher (2005). Nas considerações finais, consideramos que a pesquisa pode ser ampliada de modo a ir além da produção científica, visando não só a informação, mas a formação de um público que está presente na escola e convive com os dois idiomas: o guarani e o português.

Palavras chave: Educação escolar indígena, língua guarani, bilinguismo.

Abstract:

This study aimed to conduct a survey on what has already been done on scientific production and kaiowá Guarani language. The research on the subject cited was held in the collections of three universities in Mato Grosso do Sul: Federal University of Mato Grosso do Sul, Dom Bosco Catholic University and Federal University of Grande Dourados and the search site database of Theses and Dissertations. Ten master of masters and a doctorate were analyzed, all involving the theme and Guarani indigenous kaiowá education and the issue of Guarani language. Theoretical framework jobs D'angelis (1999) and Maher (2005) were used. In the conclusion, we believe that research can be expanded to go beyond the scientific production, aiming not only to information, but the formation of a public that is present in school and lives with two languages: Portuguese and Guarani.

Key words: Indigenous school education, guarani language, bilingual.

Introdução

Este artigo trata de um levantamento sobre os estudos científicos acerca da educação escolar indígena guarani e kaiowá, com ênfase nos estudos da língua guarani, produzidos no período 2000-2012 nas Instituições de Ensino Superior (IES) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) – e no Banco de Teses e Dissertações (BDTD).

¹ Acadêmica da Especialização em Educação pela Faculdade de Educação – FAED.

² Orientadora e professora da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

A motivação para a escolha desse tema vem da minha formação em Letras a qual me reporta a ampliar o conhecimento sobre a aplicação e conservação de qualquer cultura, por meio da língua. O estudo da língua guarani na escola pode representar o fortalecimento da identidade étnica, pois por meio da língua a comunidade indígena pode especificar uma educação que atenda suas necessidades, desejos e direitos.

O objetivo do estudo é o de sistematizar a produção acadêmica, com junção de documentos produzidos nos sites das supracitadas instituições, priorizando a língua guarani, voltada para a escolaridade guarani kaiowá publicados entre 2000 e 2012.

Os objetivos específicos foram:

- (a) elaborar um quadro sistematizando ano, autoria, título e síntese das pesquisas realizadas, em mestrado e doutorado tratando da língua guarani, voltada para a educação escolar indígena da referida etnia; e
- (b) identificar nas referidas pesquisas as abordagens sobre a língua guarani, voltadas para o contexto de educação escolar indígena guarani e kaiowá.

O tema em estudo pode ser problematizado da seguinte forma: *A produção científica sobre a língua guarani aponta para sua priorização no espaço escolar étnico?*

A pesquisa do tipo documental foi obtida com dados vindos das produções científicas de três IES no MS e no BTDT¹. O tipo documental caracteriza-se, segundo Lakatos (2003), pela fonte restrita aos documentos de arquivos públicos como censos, relatos de visitas, dentre outros, escritos ou não, constituindo o que se denomina ‘fontes primárias’. A escolha das fontes *online* se deu após uma reflexão sobre a acessibilidade dos estudos voltados para as especificidades da língua guarani visando a formação e a divulgação científica e cultural desta etnia.

Os procedimentos seguiram os seguintes passos: (a) no sistema de busca de cada IES com as palavras chave ‘língua guarani’ e ‘educação escolar indígena’; (b) os dados foram organizados em forma de planilha onde cada documento selecionado teve suas informações descritas em detalhe como: acesso, título, autor, ano de publicação, resumo e palavras chave; e (c) diálogo entre o material coletado e o objetivo do estudo.

A compreensão dos dados ocorreu com a leitura de partes das teses e dissertações que operam com as palavras chave ‘educação escolar indígena’ e ‘língua guarani’, enquanto acervo disponível para a consulta de professores em suas práticas docentes.

O referencial teórico sobre línguas indígenas e, em particular, sobre a língua guarani foi buscado em D'angeli (1999), Maher (2005), na Resolução do Conselho Nacional de Educação Nº 05/2012 e no Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas (2005).

O tema em estudo é relevante para os guarani e kaiowá de Mato Grosso do Sul (MS) por identificar a produção sobre a questão da sua língua, as indicações de soluções de problemas e de possíveis renovações a serem aplicadas nas escolas, visando contribuir para o conhecimento de docentes e discentes, auxiliando-os na pesquisa. Muito se tem escrito sobre a temática guarani kaiowá em diversos contextos. No entanto, questões acerca da educação escolar indígena relacionada à alfabetização, leitura e escrita ainda são fatores que requerem aprofundamento na pesquisa e análise. Para os indígenas, de forma geral, e em particular os Guarani e Kaiowá a educação escolar tem importância como instrumento de luta para a garantia de seus direitos.

A relevância do estudo para o meio acadêmico consiste em, ao sistematizar essa produção científica específica, verificar se há possibilidade de preencher uma lacuna existente na produção científica acerca do tema apresentado fundamentada em dados quantitativos.

Nas considerações finais mostramos a incidência de abordagens para a melhoria da língua guarani nas escolas localizadas em áreas indígenas.

Os guarani e kaiowá de Mato Grosso do Sul e a educação escolar

Mato Grosso do Sul, segundo dados da Enciclopédia Socioambiental (2013) tem uma população aproximadamente 31.000 indígenas da etnia Guarani e Kaiowá. Estes grupos têm como base de organização social, econômica e política, a 'família extensa' composta pelo casal, filhos, genros e netos, constituindo uma unidade social de produção e manutenção da cultura. A principal atividade econômica é a agricultura, além da caça e a pesca, eventualmente, hoje bastante restritas, devido às condições geopolíticas de suas terras, na região da Grande Dourados. Realizam uma economia de subsistência, marcada pela distribuição dos bens produzidos entre a família, assim como recebem os apoios governamentais dos programas 'cesta básica' e 'bolsa família'.

No que se refere à educação, vale distinguir a diferença existente entre a 'educação indígena' e 'educação escolar indígena'. A educação indígena é aquela desenvolvida na família extensa, no contexto sociocultural da comunidade, onde ocorre a socialização primária. Por sua vez, a educação escolar indígena ocorre no espaço escolar, mesmo estando relacionada com o contexto étnico de cada povo. Esta escolarização está sob a jurisprudência que garante uma

escola desenvolvida segundo os seguintes princípios: bilinguismo, interculturalidade, especificidade e diferença.

Sobre educação indígena, D'angelis (apud KONDO, Rosana Hass. 2013, p. 71) afirma:

A educação das crianças, sua socialização na comunidade, se faz na família, pelo ensinamento dos pais, pelas palavras e histórias dos mais velhos e por muitos outros meios que a comunidade possuia [...].

Para o autor, a presença dos mais velhos e de várias particularidades culturais, tais como, os rituais, os funerais, as festas, os batismos, dentre outros eventos específicos de cada povo constituem-se em espaços de aprendizagem, de formação da pessoa indígena.

Quando a educação indígena vai ser realizada no espaço escolar, Maher (2005, p.6) observa ser este “processo de escolarização dessas crianças e jovens, de modo, a instrumentalizá-los para as situações de contato com o mundo dos brancos”. A escola é um dos lugares onde ocorre a socialização entre o indígena e o não indígena, com utilização dos mesmos procedimentos e materiais pedagógicos.

No Brasil, de acordo com a Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional nº 9394/1996 a sociedade indígena possui o direito a uma educação escolar diferenciada, específica, intercultural e bilíngüe. De fato, a educação escolar indígena começou a ser discutida a partir da Constituição Federal de 1988 e depois disso vem sendo processualmente regulamentada através de vários textos legais como: as "Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena" publicada em 1993 pelo MEC e o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) de 1998, revisto em 2005. O RCNEI tem por objetivo oferecer subsídios para a elaboração de projetos pedagógicos para as escolas indígenas, com o intuito de melhorar a qualidade do ensino e a formação dos alunos indígenas. A principal ideia do documento é instrumentalizar gestores, professores e grupos étnicos para consolidar a escola diferenciada.

Sobre a língua materna, no caso a indígena, o referido documento argumenta que a língua a ser adotada oficialmente na escola diferenciada deve ser a língua de instrução oral, ou seja, a língua utilizada na aldeia. Assim, na escola, em sala de aula, a língua indígena é a mais adequada para expor conceitos e explicações de conteúdos diversos, com o objetivo de fortalecer a competência oral da mesma língua dentro do contexto escolar. E deve também estar incluída no currículo como disciplina, visando a escrita.

No entanto, é no processo da educação escolar indígena, que os alunos estarão imersos em situações de pluralidade cultural e bilinguismo [língua portuguesa e língua indígena].

Contudo, para que esse diálogo aconteça é necessário selecionar didáticas, espaços, material significativo de acordo com as especificidades de cada comunidade indígena.

Sobre o ensino de língua, o RCNEI (1998, p. 118) propõe:

A inclusão de uma língua indígena no currículo escolar tem a função de atribuir-lhe o *status* de língua plena e de colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, um direito previsto pela Constituição Brasileira.

Portanto, os indígenas podem utilizar suas línguas maternas e processos de aprendizagem na educação escolar, de forma a contribuir para o processo de afirmação étnica e multicultural dos povos. Certamente que este aspecto do uso da língua materna e da segunda língua, no caso a portuguesa, consiste no ponto mais frágil da escolarização indígena. Tal fato reforça a necessidade de buscas teóricas ou de pesquisas aplicadas que subsidiem esse aspecto do bilinguismo e o do “como” desenvolver este processo bastante complexo, conforme mostram os dados a seguir.

A língua guarani

O Brasil possui uma enorme variedade linguística indígena. De acordo com o Censo do IBGE (2010), há no Brasil 274 línguas indígenas sendo faladas por pessoas indígenas de cinco anos ou mais, que residem dentro das terras indígenas. Essas línguas são divididas em ‘famílias’ e ‘truncos linguísticos’.

De acordo com Teixeira (1995, p. 290), “fazem parte da mesma família as línguas que tem uma origem comum e que ao longo do tempo foram se diferenciando” E chamamos de tronco linguístico, os grupos de famílias linguísticas ligadas à outra língua ancestral comum (Teixeira, ano, p. 300). Muitas das línguas indígenas estão ameaçadas de extinção, das quais podemos citar as línguas Yawalapití, da família linguística Aruak; e a Arapáso, da família linguística Tukano. Ambas são consideradas minoritárias. A ameaça de extinção ocorre principalmente devido a dois fatores (1) são faladas por uma minoria de indígenas, e (2) não estão sendo transmitidas entre as gerações.

Seguindo os conceitos acima entendemos a língua guarani filiada ao tronco linguístico Tupi, da família Tupi Guarani. A língua guarani desdobra-se em dialetos, entre eles priorizamos os usados entre os grupos étnicos da região da grande Dourados, quais sejam, o Mbyá e o Nhandewa.

Considerando as tensões acarretadas por essa condição bilíngue, destacamos o fato maior de que educação escolar brasileira, nacional, está edificada no ensino de língua portuguesa, tendo a língua inglesa ou a espanhola como segunda língua. Quanto aos indígenas, com a jurisprudência da escola diferenciada ainda em processo embrionário, acabam estudando em escolas ainda vinculadas a escolas pólos, urbanas ou rurais nas quais o idioma oficial é predominante. Neste contexto, a língua indígena fica subsumida na forma de aulas esporádicas no contra turno e, raramente, ofertada como segundo idioma. Vale observar que há etnias em que a língua indígena foi de tal forma abafada por processos de colonização, os quais afetaram a estrutura interna do grupo, de modo que a língua portuguesa passou a ocupar o lugar de língua materna, portanto de primeira língua também na escola.

Esse fenômeno de simultaneidade entre os dois idiomas, ora a língua nativa, ora a língua portuguesa denomina-se bilinguismo (CHAMORRO, 2012). A questão da língua se complexifica mais, pois além de bilíngues, há grupos multiculturais, que falam mais de uma língua, por conviverem com mais de uma cultura.

Destacando a problemática da língua guarani, apontamos suas categorias próprias: ela dispõe de conceitos abrangentes e de grande amplitude de significados, os quais expressam a visão de mundo da referida etnia, o contexto histórico e o modo de vida do grupo (CHAMORRO, 2008). A língua guarani se mantém via oralidade, principalmente através da família extensa ao contar mitos, histórias e no relacionamento cotidiano com as exigências das tarefas, nas repreensões, conselhos, dentre outros. Embora essa vitalidade da língua guarani seja mantida pela forte tradição oral do grupo, as 5 escolas existentes nas aldeias Jaguapiru e Bororó, na Reserva Indígena de Dourados, reforçam com mais intensidade a língua portuguesa. Os motivos são tanto a presença de professores não indígenas, sem domínio da língua guarani, e as intensas relações de contato devido a proximidade das aldeias com a vida urbana do município. Esse meio ambiente falando o português leva a língua guarani a ocupar um segundo plano.

Como consequência, temos dito que essa perda da língua guarani tem levado à perda da tradição. Observamos também que a alternância no uso dos dois idiomas, a vantagem para a língua portuguesa está relacionada às relações de poder tanto na escola, quanto no aspecto social vindo com os contatos externos e com o descaso e não incentivo do estudo da língua guarani em escolas não indígenas da região de Dourados. Portanto, consideramos ser necessária e muito significativa a manutenção e revitalização da língua indígena nas escolas, entendendo o

bilinguismo como alicerce para um planejamento linguístico equilibrado, voltado para ambas as línguas, mas que mantenha a riqueza e os significados sociais embutidos na língua guarani.

Língua guarani na escola

Enfatizando brevemente a língua indígena na escola, visando dar consistência ao diálogo com as fontes teóricas, recorreremos ao RCNEI (2005, p. 148), o qual traz uma orientação para o bilinguismo:

Os alunos indígenas também podem comparar os modos como índios e não índios se comportam quando usam, oralmente, a(s) língua(s) do seu repertório verbal. Cada sociedade estabelece suas próprias convenções sociolingüísticas: cada sociedade determina quem pode falar e em que situações; quando os falantes podem interromper uns aos outros e quando não devem fazê-lo; de que modo as pessoas devem falar em público, devem se apresentar, devem se cumprimentar, agradecer, etc.

O processo comparativo entre línguas requer o compromisso político da escola para com o respeito à alteridade, requer também a formação continuada dos docentes para efetivarem didáticas e consolidar os valores étnicos embutidos na língua indígena de forma a dialogar com as expressões da língua portuguesa.

Todo esse processo fica frágil dentro do contexto escolar, pois a maioria das escolas opta em utilizar a língua portuguesa, tanto por falta de conhecimento da língua guarani e falta de docentes, quanto pelo desejo expresso pelos indígenas de dominar o português como instrumento de poder na legitimação dos seus direitos de cidadania.

Recentemente, a Resolução CNE 05/2012 define a questão da língua garantindo os princípios de bilinguismo e da interculturalidade na educação escolar indígena. Assim como, a Resolução valoriza a importância das línguas indígenas e dos registros linguísticos específicos do português para o ensino ministrado em línguas maternas, das comunidades indígenas, e também o acompanhamento do ensino por meio de produção de materiais didáticos diferenciados, tanto na língua indígena, quanto em português e bilingues, elaborados em conjunto por professores e estudantes.

O fato é que dentro da escola os sujeitos bilíngues fazem uso alternado das línguas, portanto o estudo pode considerar as línguas completamente separadas uma da outra, ou adotar uma como oficial, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP), e até desenvolver simultaneidade entre elas, com pausas para elaborar distinções e singularidades.

Produção do conhecimento sobre a língua guarani

As buscas com as palavras chave 'educação escolar indígena' e 'língua guarani' resultou em 11 produções científicas. Nos sites das IES de MS foram encontradas 06 dissertações de mestrado e nenhuma tese de doutorado e pós-doutorado. No site do BDTD foram encontradas 04 produções científicas em nível de mestrado e 01 em nível de doutorado. Os quadros 1 e 2 mostram as pesquisas e suas respectivas origens institucionais.

Gráfico 1. Quantitativo de produções científicas por instituições

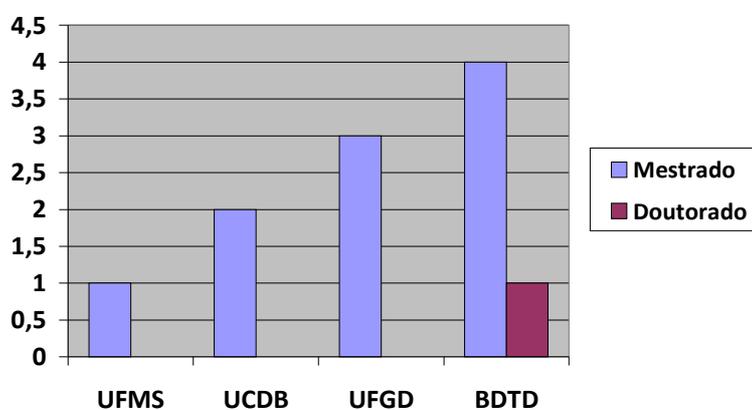
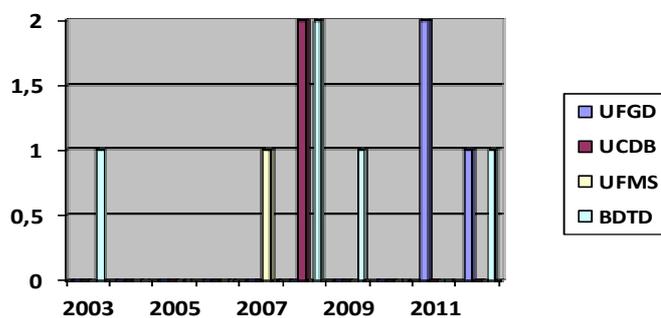


Gráfico 2. Produção científica - Ano de publicação.



A partir dos quadros/gráficos expostos podemos inferir que há certa escassez de pesquisas realizadas sobre a questão da língua guarani nas escolas na UFMS e UCDB. Por outro lado, há ocorrência recente de produção de trabalhos acerca do tema a partir do ano de 2007 tanto nas IES de MS como no BDTD.

No site do BDTD foram encontradas produções científicas oriundas das Universidades de Campinas (UNICAMP), Universidade de São Paulo (USP), Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) e Escola Superior de Teologia, a partir de 2003.

Sistematizamos as produções científicas das IES de MS com os seguintes critérios: linha de pesquisa e o título do trabalho.

O único trabalho realizado na UFMS em 2007 faz parte da linha de pesquisa “Produção de sentido no texto/discurso”, do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, com o título “Identidade indígena: algumas características de estudantes indígenas da Escola Estadual Presidente Vargas de Dourados-MS”.

Os dois trabalhos da UCDB, respectivamente vinculados à Linha de pesquisa “Diversidade cultural e Educação Indígena”, do Programa de Mestrado em Educação, têm como títulos “Educação escolar indígena e os processos próprios de aprendizagens: espaços de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na comunidade indígena de Amambai-MS” e título “Os resultados da escolarização entre os Kaiowá e guarani em Mato Grosso do Sul – será o letrado ainda um dos nossos?”

Dois trabalhos realizados na UFGD, todos estão vinculados à linha de pesquisa Linguística e Transculturalidade do Programa de Mestrado em Letras, têm como títulos “Discurso(s) em contextos escolares indígenas: a construção de uma escola diferenciada” e “Preconceito e Intolerância: uma análise semiótica de textos produzidos por alunos indígenas” do ano de 2011 e “Estudo das crenças na educação escolar: reflexos na escrita de textos produzidos por indígenas Guarani/Kaiowá do MS” de 2012.

O resultado do Banco de Teses mostrou 5 pesquisas estando elas vinculadas às linhas Linguística; Formação e prática pedagógica do professor docente; Religião e educação; Etnologia indígena; com os títulos “Nhandewa aywu”, “Formação de professores indígenas para atendimento a comunidade guarani e kaiowá no município de Amambaí no Mato Grosso do Sul”, “De índios para índios: a escrita indígena da história”, “Olhar longe, porque o futuro é

longe – cultura, escola e professores indígenas no Brasil” e “Da negação ao reconhecimento. A Educação escolar indígena e a educação intercultural: implicações, desafios e perspectivas”.

A produção científica de uma área do conhecimento ao ser exposta para utilização da sociedade, segundo o Laboratório de Estudos Avançados de Jornalismo (LABJOR, 2013) contribui para a compreensão e entendimento, para a análise e explicação da dinâmica das relações entre a ciência e a sociedade que estão diretamente relacionadas com os fatos e acontecimentos próprios da cultura científica.

A seguir, sistematizamos no Quadro 1, a instituição, o título, e uma síntese de cada um dos trabalhos selecionados sobre a temática língua guarani.

Quadro 1. Síntese da produção científica

Instituição, Programa e Linha de Pesquisa	Ano/ Autor/ Título / Síntese
1) UFMS. Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, linha de pesquisa “Produção de sentido no texto/discurso”	2007. BRUMATTI, Sonia Aparecida Verga. <i>“Identidade indígena: algumas características de estudantes indígenas da Escola Estadual Presidente Vargas de Dourados-MS”</i> Síntese: O trabalho apresentou características de estudantes indígenas da Escola Estadual Presidente Vargas de Dourados – MS. Foi analisado como adolescentes indígenas constroem suas identidades em contexto escolar não indígena. A análise foi feita através de 24 redações produzidas pelos alunos. A autora deixa claro que os adolescentes indígenas falam e querem transmitir que sabem somente a língua portuguesa. Entretanto, quando estão somente entre eles ou em contato com seus familiares [educação indígena], fazem o uso oral da língua guarani e da língua portuguesa.
2) UCDB. Programa de Mestrado e Doutorado em Educação. Linha: Diversidade cultural e Educação Indígena.	2002. ROSSATO, Veronice Lovato. <i>“Os resultados da escolarização entre os Kaiowá e guarani em Mato Grosso do Sul – será o letrado ainda um dos nossos?”</i> Síntese: Sobre a língua guarani, o trabalho apresentou o dilema vivenciado dentro da escola com o uso da língua portuguesa e língua indígena concomitantemente. Na escola, a maioria dos alunos se sente insatisfeitos com a língua portuguesa aprendida, alegam que não dominam as competências linguísticas dessa língua e que a língua guarani serviu apenas de “ponte” para a aquisição de outros conhecimentos.

3) UCDB. Programa de Mestrado e Doutorado em Educação. Linha: Diversidade cultural e Educação Indígena.	2012 – AQUINO, Elda Vasques. <i>“Educação escolar indígena e os processos próprios de aprendizagens: espaços de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na comunidade indígena de Amambai-MS”</i> Síntese: A autora é uma professora indígena kaiowá, que fez uma pesquisa qualitativa com crianças com o objetivo de conhecê-las antes de irem para a escola e como se dá o aprendizado das mesmas. Sobre a língua, ela apenas citou que dentro da comunidade indígena a criança fala a mesma língua dos pais ou entes mais velhos, entretanto, aprende também a língua portuguesa por estar sempre acompanhada dos familiares nas relações exteriores da comunidade. Quando ela vai para escola, fala e entende os dois idiomas.
4) UFGD. Programa de Mestrado em Letras. Linha: Linguística e Transculturalidade	2011. PONTOLAN, Santa Cariaga. <i>“Discurso(s) em contextos escolares indígenas: a construção de uma escola diferenciada”</i> . Síntese: O site da universidade apresentada não oferece meios para abrir os trabalhos, os resumos foram encontrados em sites de buscas através dos títulos. O trabalho apresenta a temática da educação escolar indígena com foco na língua escrita e falada através dos discursos dos próprios alunos indígenas.
5) UFGD. Programa de Mestrado em Letras. Linha: Linguística e Transculturalidade	2011. VIANA, Olinda Siqueira Correia. <i>“Preconceito e Intolerância: uma análise semiótica de textos produzidos por alunos indígenas”</i> . Síntese: O site da universidade apresentada não oferece meios para abrir os trabalhos, os resumos foram encontrados em sites de buscas através dos títulos. Uma análise semiótica de redações de alunos indígenas do ensino médio.
6) UFGD. Programa de Mestrado em Letras. Linha: Linguística e Transculturalidade	2012. MARTINS, Márcia Gomes da Silva. <i>“Estudo das crenças na educação escolar: reflexos na escrita de textos produzidos por indígenas guarani/kaiowá do MS”</i> Síntese: Uma análise semiótica dos textos de alunos indígenas, mostrando marcas de preconceito, tanto do olhar indígena para o não indígena, como do indígena para o indígena sobre situações atuais da comunidade onde vivem.
7) BDTD. Programa de Mestrado em Linguística do Departamento de Estudos da Linguagem da Unicamp. Linha:	2003. COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. <i>“Nhandewa aywu”</i> . Síntese: O trabalho é um estudo fonológico do dialeto Nhandewa-Guarani. Apresenta um quadro fonológico do

	<p>dialeto e as diferenças existentes entre o nhandewa e o guarani. Tem como objetivo registrar e estudar a língua que era falada pelos idosos indígenas, a fim de ensiná-la as crianças na escola.</p>
<p>8) BDTD. Programa de Mestrado em Educação da Unoeste. Linha: Formação e prática pedagógica do professor docente</p>	<p>2008. PERIUS, Sergio. <i>“Formação de professores Indígenas para atendimento a comunidade guarani e kaiowa no município de Amambaí no Mato Grosso do Sul”</i>. Síntese: A pesquisa apresenta o trabalho da formação de docentes indígenas na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. E apresenta a língua guarani como a principal dificuldade na educação escolar indígena, tanto no currículo de curso de formação docentes quanto na prática escolar.</p>
<p>9) BDTD. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da USP. Tese de Mestrado. Linha: Etnologia indígena</p>	<p>2008. SCARAMUZZI, Igor Alexandre Badolato. <i>“De índios para índios: a escrita indígena da história”</i> Síntese: O trabalho apresenta uma discussão acerca dos materiais didáticos para a educação escolar indígena e traz a problemática de como escrever e sistematizar em língua portuguesa histórias e vivências relacionadas aos grupos indígenas.</p>
<p>10) BDTD. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da USP. Tese de Doutorado. Linha: Etnologia Indígena</p>	<p>2009. GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. <i>“Olhar longe, porque o futuro é longe – cultura, escola e professores indígenas no Brasil”</i> Síntese: A tese analisa como se deu a constituição de proposta de educação diferenciada como um direito dos grupos indígenas do Brasil. Sobre língua, apresenta o embate entre a língua guarani e língua portuguesa dentro da educação diferenciada. Dentro da escola, há comunidades que preferem somente o ensino da língua portuguesa e outras que gostariam que os dois idiomas fossem utilizados na educação escolar indígena.</p>
<p>11) BDTD. Programa de Pós-graduação em Teologia. Linha: Religião e educação.</p>	<p>2012. OLIVEIRA, Jasom de. <i>“Da negação ao reconhecimento. A educação escolar indígena e a educação intercultural: implicações, desafios e perspectivas.”</i> Síntese: O trabalho discute a educação intercultural para os povos indígenas que compõe a educação escolar indígena na atualidade. Apresenta o bilinguismo como bandeira fundamental na educação intercultural.</p>

Discussão acerca da produção científica

A análise da produção científica, de acordo com o quadro da página anterior, acerca do tema ‘língua guarani’ permitiu verificar em quais trabalhos o tema desenvolvido foi língua guarani e educação escolar indígena.

Nos trabalhos 1, 2, 3, 8, 10 apresentam a língua guarani como um dilema a ser resolvido na educação escolar indígena, visto que nas aldeias estão priorizando o uso da língua portuguesa. O bilinguismo, a alternância do uso das línguas e a definição de qual o melhor idioma para o ensino de conteúdos são expostos e questionados nesses trabalhos.

Nas produções científicas 4, 5, 6 e 7 a língua guarani é apresentada na forma oral e escrita com o objetivo de analisar os discursos dos alunos indígenas dentro da escola, focando a questão do preconceito e das diferenças pouco valorizadas nas escolas.

As dissertações 9 e 11 apresentam um contexto de língua guarani voltado para a análise de material didático para alunos indígenas e a educação intercultural. Em ambos os trabalhos aparecem tensões próprias do entrave de uma língua oficial do país e da língua étnica, fato ainda não decidida.

O que há de comum entre todos os trabalhos é a preocupação com o empoderamento dos indígenas sem suas organizações internas e no fortalecimento das relações com a sociedade envolvente. Assim, consideramos que a produção científica da temática em estudo contribui na formação continuada dos docentes e acadêmicos que atuam ou pesquisam este segmento populacional.

Considerações finais

Com o objetivo de sistematizar a produção acadêmica, com junção de documentos publicados em sites oficiais de instituições ligadas à ciência, voltados para a língua guarani, foi realizada uma aproximação com esta produção científica, visando argumentar sobre a possibilidade de os docentes e alunos se instrumentalizarem com o referido material.

Estudos sobre língua indígena guarani podem contribuir para a preservação da cultura, revalorizar o próprio idioma em suas estruturas semânticas e de significado, fortalecer a unidade social étnica em seu modo de ser, contribuir para uma reflexão crítica sobre as limitações e abrangências da mesma, dentre outros fatores.

A presente pesquisa pode ser ampliada de modo a ir além da produção científica, visando não só a informação, mas a formação de um público que está presente na escola e convive com os dois idiomas: o guarani e o português. Certamente, um estudo sobre línguas indígenas deve, primeiramente, beneficiar a própria comunidade, atendendo aos interesses dela.

Assim, quando encontramos a produção científica sobre a temática, abrimos um caminho para a busca do que foi publicado, faltando a nosso ver, estudos que tragam a aplicabilidade na vida cotidiana das comunidades indígenas.

A partir do que está sendo produzido, questões trazidas com o desenvolvimento da pesquisa poderão ser trabalhadas com os principais agentes envolvidos, sejam alunos, professores ou comunidade. As próprias instituições de MS podem repensar como produzir e aplicar esse conhecimento científico, voltado para a comunidade indígena do próprio estado.

Referências

AQUINO, Elda Vasques. **Educação escolar indígena e os processos próprios de aprendizagens: espaços de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na comunidade indígena de Amambai-MS.** 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Brasília. DF. 2005.

BRUMATTI, Sonia Aparecida Verga. **Identidade indígena: algumas características de estudantes indígenas da Escola Estadual Presidente Vargas de Dourados-MS.** 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande. 2007.

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Terezinha de Jesus. **O índio, a leitura e a escrita.** O que está em jogo? Unicamp, 2005.

CHAMORRO, Graciela; MARTINS, Andérbio (orgs.). **Língua, arte e lazer:** uma contribuição à formação de professores e professoras indígenas Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2012.

COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. **Nhandewa aywu.** 2003. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha, (1999). **Educação escolar indígena:** um projeto étnico ou um projeto étnico-político? Texto apresentado no 12º COLE, UNICAMP.

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. **Olhar longe, porque o futuro é longe – cultura, escola e professores indígenas no Brasil.** 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

IBGE. <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&idnoticia=2194> Acesso em 08/11/2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

KONDO, Rosana Hass. **Representações e atitudes linguísticas na (re) construção da identidade indígena dos Guaranis do Pinhalzinho (Tomazina/PR): um estudo da escola “Yvy Porã”**. Dissertação de Mestrado. Ponta Grossa, 2013.

LABJOR. **Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo**. Unicamp, 2013. Disponível em <<http://www.labjor.unicamp.br>>

MARTINS, Márcia Gomes da Silva. **Estudo das crenças na educação escolar: reflexos na escrita de textos produzidos por indígenas guarani/kaiowá do MS**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados. 2012.

OLIVEIRA, Jasom de. **Da negação ao reconhecimento**. A educação escolar indígena e a educação intercultural: implicações, desafios e perspectivas. 2012. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS. 2012.

PERIUS, Sergio. **Formação de professores Indígenas para atendimento a comunidade guarani e kaiowa no município de Amambaí no Mato Grosso do Sul**. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente. 2008.

PONTOLAN, Santa Cariaga. **Discurso(s) em contextos escolares indígenas: a construção de uma escola diferenciada**. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados. 2011.

ROSSATO, Veronice Lovato. **Os resultados da escolarização entre os Kaiowá e guarani em Mato Grosso do Sul – será o letrado ainda um dos nossos?**. 2002. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. 2002.

SCARAMUZZI, Igor Alexandre Badolato. **De índios para índios: a escrita indígena da história**. 2008. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa/550>>

TEIXEIRA, Raquel F. A. As línguas indígenas no Brasil. In: GRUPIONI, Donizeti Benzi; LUIS, Aracy Lopes da Silva (orgs). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

VIANA, Olinda Siqueira Correia. **Preconceito e Intolerância: uma análise semiótica de textos produzidos por alunos indígenas**. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados. 2011.